

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Neves, Victor, 1956-

Esquissos: o desejo do essencial

<http://hdl.handle.net/11067/4882>

Metadados

Data de Publicação	1998
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T12:16:43Z com informação proveniente do Repositório



ESQUISSOS: O DESEJO DO ESSENCIAL...

VICTOR NEVES

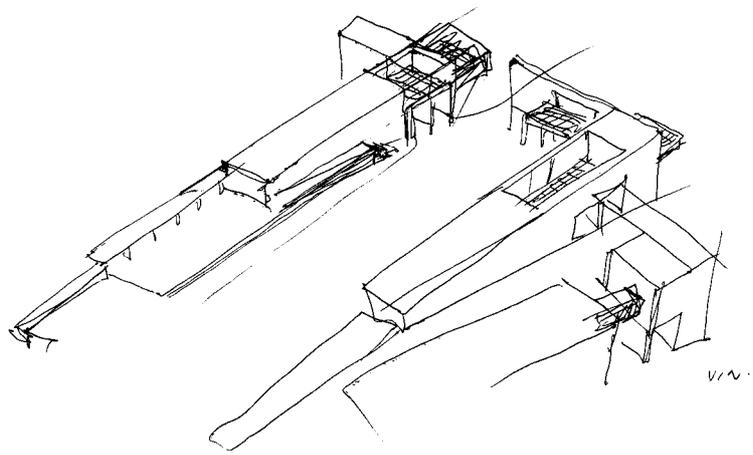
Especular sobre o tema do desenho na arquitectura implica sempre vencer uma certa resistência que advém do facto de abordarmos um tema universal na arquitectura e, ao mesmo tempo, tão íntimo para o arquitecto.

O desenho é (ainda) o principal instrumento que o arquitecto usa para projectar e é (ainda) o principal instrumento de representação e comunicação do projecto. Curiosamente, e apesar disso, estamos neste preciso momento a utilizar exclusivamente a **palavra** para especular sobre o desenho, o que reforça ainda mais essa resistência que referimos anteriormente.

No entanto, convirá dizer que este tema do desenho é um tema extremamente actual, sobre o qual vale a pena reflectir, por duas razões essenciais:

- pelo impressionante desenvolvimento e influência que os meios electrónicos e informáticos, (particularmente as tecnologias ligadas à realidade virtual) têm tido nas formas de representação do espaço e que vêm pondo em causa a clássica representação tri-dimensional do espaço herdada fundamentalmente do Renascimento e do cartesianismo e racionalismo que (ainda) nos rege.

- pela importância que o desenho e em particular o esquisso (tema concreto sobre o qual incide a presente publicação) tem na caracterização e na evolução da arquitectura portuguesa contemporânea e na *praxis* de muitos arquitectos portugueses da



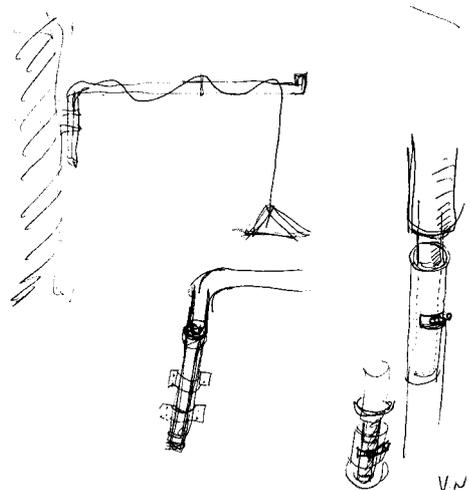
actualidade.

Incidiremos a nossa atenção apenas sobre esta última questão por nos parecer que ela é relevante para a compreensão do que é hoje a arquitectura portuguesa e para determinar aquilo que lhe pode conferir alguma especificidade no contexto da arquitectura ocidental das arquitecturas europeias. Nesse âmbito, a primeira questão que atrás mencionámos (as tecnologias informáticas e de visualização) tem também uma relação directa com a segunda, porque está intimamente relacionada com as estratégias de projecto e com os fins procurados pela maioria dos arquitectos portugueses nos planos retóricos, éticos e poéticos.

O esquisso era até há pouco tempo um tipo de desenho denegrido na sua importância e na sua operacionalidade. Na tradição académica das Escolas de Belas Artes, privilegiava-se o desenho rigoroso, compositivo e artístico. O esquisso era o parente pobre, desdenhado, que se escondia e guardava como um documento privado e exclusivo.

Hoje, para a maioria dos arquitectos portugueses, o esquisso é um elemento fundamental da projectação, que se usa na descrição e justificação dos projectos, e que frequentemente se expõe em publicações ou em galerias de arte, como objectos venerados de arte. Porquê esta inversão? - porquê este súbito interesse nos esquissos de arquitectos? - Qual a efectiva importância do esquisso enquanto instrumento privilegiado no contexto da arquitectura portuguesa actual e qual a sua importância como elemento caracterizador dessa arquitectura?

É difícil determinar e sistematizar aquilo que define uma suposta especificidade da arquitectura portuguesa contemporânea. Estamos a referir-nos a uma arquitectura que é, sem dúvida, heterodoxa e permeável a variadas influências. No entanto, quando nos referimos á obra daqueles arquitectos que têm exercido maior influência nas gerações mais jovens (a persistência de uma dicotomia entre as Escolas de Lisboa e Porto já não tem sentido hoje em dia) e que mais projecção têm tido no contexto da arquitectura ocidental, como Siza Vieira, Eduardo Souto-Moura, Carrilho da Graça, Gonçalo Byrne, Távora, etc., estamos-



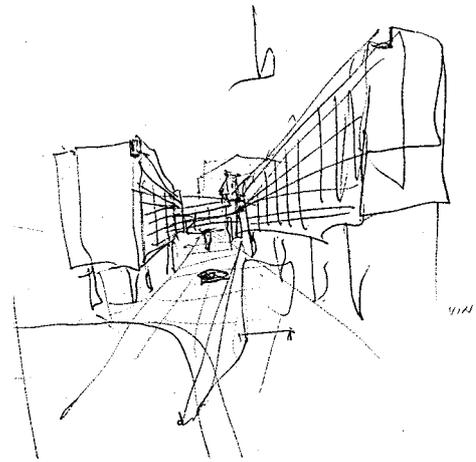
nos a referir a arquitecturas que têm códigos, metodologias e referências comuns. Não vale a pena descrever aqui quais os elementos referenciais que estão na base dessa afinidade linguística, metodológica e ética, mas fixemo-nos numa que é relevante para o tema que agora abordamos. É que essas arquitecturas **privilegiam, antes de tudo, o espaço e a relação com os lugares** e secundarizam a forma. A **arquitectura portuguesa contemporânea** é uma arquitectura que nega os formalismos e qualquer sugestão compositiva ou “estilística” da arquitectura.

Nesse aspecto, afasta-se da grande parte das imagens que vemos nas revistas especializadas, de outras arquitecturas que exploram os aspectos compositivos e epidérmicos da forma arquitectónica.

O esquisso, neste quadro da arquitectura portuguesa contemporânea e da sua suposta singularidade (refira-se que isso não implica a validade de um qualquer “regionalismo crítico” como defende Kenneth Frampton), assume-se, de facto, como um dos principais elementos nesta estratégia de privilegiar o espaço e a relação com os sítios e com os lugares (que por si só também são espaços, com estruturas significativas específicas).

O esquisso tem potencialidades singulares : permite registar o que se vê ; suporta o acto criador e de projectar; permite testar aquilo que se pensa, e permite quase de uma forma imediata expressar as intenções significativas, poéticas, daquilo que se pretende representar. Com efeito, o esquisso, ao contrário do desenho rigoroso que é sobretudo um conjunto de convenções, é um desenho que permite “emocionar” e “poetizar” as ideias e tudo aquilo que se vê. Nesse particular aspecto, substitui com vantagem a própria palavra. Uma figura (mesmo estilizada) desenhada em posição reclinada sobre um muro ou em pose contemplativa (o que acontece frequentemente, por exemplo, nos esquissos de Siza Vieira) diz muito mais sobre a carga significativa de uma ideia, do que cem palavras.

O esquisso permite a representação de espaços através da perspectiva - mas permite também fixar significados; intenções e



plasticidades a esses espaços. Nisso é singular. Considerando que um significativo número de arquitectos portugueses da actualidade alicerça as suas propostas numa estreita relação com os lugares para onde projectam; considerando que esses lugares são eles próprios espaços - espaços com características que não são só físicas, geográficas, sociais, mas também plásticas e emotivas que o arquitecto persegue, facilmente se compreende a utilidade e validade do esquisso enquanto instrumento que permite fixar e manipular todas essas características do espaço.

O esquisso transforma ele próprio, poéticamente, o contexto - não mimetiza o contexto, mas propõe uma nova leitura desse contexto. Aquilo que se imagina e projecta - a ideia (nem sequer se pode falar de intuição, uma vez que existe frequentemente uma ideia já latente e pré - figurada) baseia-se em primeiro lugar, na estipulação de uma estrutura espacial que inclui tempo; côr, luz, texturas, materiais, etc.

O esquisso concentra os significados aderentes à ideia e aos contextos e permite estabelecer uma relação dialéctica, com os lugares, aquilo que grande parte dos arquitectos portugueses da actualidade procura desde o início do projecto.

O esquisso possibilita, assim, a visualização e memorização do lugar, mas também fazer aderir as intenções do arquitecto para esse lugar. Este processo refere-se a uma re-descrição ou re-invenção dos sítios e dos lugares que faz com que muitos arquitectos desenhem no próprio local esquissos rápidos que cativam o essencial da estrutura física e espacial do sítio, utilizando-os depois para testar e consolidar as suas ideias para esse local. São quase sempre desenhos depurados de acessórios estilísticos, que procuram **o essencial das ideias**; da plasticidade das formas, da sua espacialidade, e também a própria resolução técnica de elementos construtivos. Este último aspecto é justificado mais uma vez, pela consciência que esses arquitectos têm da implicação que determinadas soluções construtivas provocam na definição espacial e poética do projecto.

“O desenho é o desejo da inteligência”, afirmou um dia Siza Vieira.

O esquisso imediatiza esse desejo, dá-lhe corpo, dá-lhe espacialidade habitável e procura dar-lhe coerência.

Relativiza o projecto nas suas dimensões ética; retórica e poética.

É meio caminho andado para renegar formalismos efémeros e a vulgaridade do óbvio - aquilo que muitos insistem em recusar.

Lisboa, Maio, 1998